

---

## Os três tipos de par, desde que sejam 1 + 1

*Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.*

HEILBORN, Maria Luiza..

Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. 217 p.

---

A primeira pergunta a ser respondida nesta resenha é: por que escrever sobre um livro que, mesmo publicado em 2004, é baseado em um trabalho feito no início da década de 1990? Pois o livro *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*, de Maria Luiza Heilborn, é, mesmo neste início de século 21, ainda muito atual: traz teorias, um pouco de história e reflexões sobre os mais diversos aspectos que formam e norteiam os casais de camadas médias urbanas brasileiras, principalmente numa época em que se percebem uma modernização na estrutura das famílias, mais informação sobre a sexualidade e a ameaça da Aids. Tudo isso é ilustrado com depoimentos de casais em entrevistas contando histórias de vida, anedotas e reflexões sobre a própria conjugalidade. Porém, o maior mérito de Heilborn é ter trabalhado, em campo de igualdade, com as três combinações possíveis de casal – heterossexuais, de gays e de lésbicas –, o que torna o trabalho crucial, além de um tanto atual, para os estudos de gênero e sexualidade no Brasil.

O livro apresenta a observação antropológica das semelhanças e diferenças dos “solos” em que se baseiam as conjugalidades heterossexuais, gays e lésbicas. Os informantes da pesquisa pertencem a camadas urbanas médias e já tiveram mais de um casamento ou relacionamento que eles próprios consideram como “casamento”. No estudo, “conjugalidade”,

palavra que nem sequer existe na língua portuguesa apesar de ser usada na academia – por exemplo, por Michel Foucault<sup>1</sup> –, refere-se a “uma relação social que se institui em um par, admitindo o caráter de uma opção por uma determinada gestão da sexualidade” (p. 14), assim abrangendo pares que não são casados oficialmente ou nem sequer moram juntos, e também fazendo um recorte que exclui outras relações familiares (de parentalidade, por exemplo) ao se concentrar apenas no casal em si.

Já de início, Heilborn avisa que pretende desnaturalizar a noção de casal ao incluir no estudo as relações homossexuais, que não são oficiais, e também relações em que os indivíduos não moram juntos. Ela observa como o casal se forma, a rotina, os conflitos, a confirmação da parceria, procurando desvendar “o que faz de um casal, casal” (p. 12). Ademais, o enfoque do trabalho é na comparação entre casais heterossexuais, gays e lésbicos, já que “a fórmula conjugal não aufere da mesma representatividade nas três possibilidades de conjugação do casal” (p. 13).

O trabalho tem como base teórica a discussão sobre estilos de vida das camadas médias de *A utopia urbana*,<sup>2</sup> dialogando com a construção social da realidade proposta pela fenomenologia e pelo interacionismo simbólico,<sup>3</sup> além das discussões da antropologia da mulher, em especial, sobre a relação entre gênero e sexualidade. Já na questão da homossexualidade, o trabalho ressalta a argumentação do início da década de 80 protagonizada pelo antropólogo Peter Fry,<sup>4</sup> que traz à tona a importância de discutir a homossexualidade como prática para o entendimento social.

No primeiro capítulo, Heilborn discute a teoria de Louis Dumont<sup>5</sup> quando este afirma que o modelo ocidental da sociedade se baseia na singularidade e individualismo, negando o “princípio social fundamental” que é a hierarquia (p. 22). Para Heilborn, a teoria de Dumont é

---

importante para analisar “o individualismo como configurador do sistema de valores” (p. 22) presentes no seu universo de pesquisa. Outro assunto tratado é a assimetria dos gêneros, estudada à luz da antropologia da mulher, em que Heilborn problematiza o artigo “The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex”.<sup>6</sup> No artigo, Rubin demonstra como relações sociais acarretam a domesticação da mulher e também como o sexo e a construção do gênero são incorporados no que ela chama de “sistema sexo-gênero”. Heilborn discorda de Rubin quando a última afirma que a opressão se dá pela economia da troca de mulheres, defendendo que tal opressão ocorre, ao invés disso, pela passagem natureza-cultura. Outra obra discutida é *Estruturas elementares do parentesco*, de Claude Lévi-Strauss,<sup>7</sup> que, ao escrever sobre a problemática do incesto (este que só ocorre, também, com a passagem natureza-cultura), exerce grande influência nos estudos sobre assimetria de gênero. Finalmente, são apresentados os três modos de conceitualização das relações sexo/gênero propostos por Nicole Mathieu:<sup>8</sup> o modo 1 (baseado no determinismo biológico, que tem o gênero e a heterossexualidade “colados” no sexo); o modo 2 (em que a identidade pessoal é causada pela consciência de grupo e pode haver ruptura entre o sexo e o gênero, como no caso das travestis); e o modo 3 (a recusa, a resistência e a subversão dos modos anteriores).

O segundo capítulo é, como a própria Heilborn conclui, “um quadro de linhas variadas que confluem para a construção da pessoa moderna” (p. 67), ao abordar a modernidade em si, baseada no individualismo, além da questão da família e do amor romântico. Por modernidade, ela menciona o conceito de Max Weber,<sup>9</sup> que distingue uma modernidade cultural (a razão e ação consciente do homem) e uma modernidade social (regida por instituições como o Estado e o mercado). Entretanto, a autora prefere análises mais abrangentes da modernidade, como a de Foucault, que relaciona a modernidade com o poder e a sexualidade, e a de Dumont, ao falar sobre individualismo. Ademais, Heilborn discute como a modernidade, em especial a ocidental, é configurada através de processos históricos que levam à interioridade e à obrigação da subjetivação. Para tal, ela usa a análise de Norbert Elias,<sup>10</sup> que descreve a modelação dos corpos e emoções, o que marca a noção ocidental de pessoa, portanto, a história ocidental em geral. Na questão da família,

Heilborn apresenta uma discussão da obra de Philippe Ariès,<sup>11</sup> que fala sobre a “invenção” da infância e as mudanças da organização doméstica, que passa, na modernidade, da família extensa para a nuclear, composta por esferas privadas de existência e intensificação afetiva entre membros. A análise da família é complementada por Foucault,<sup>12</sup> ao alegar que esta é a “linha privilegiada de penetração do poder disciplinar” (p. 62 e 63). Finalmente, Heilborn escreve sobre o amor romântico, este de “história longa e sinuosa” (p. 63) e que é o principal motivador do casamento contemporâneo. Para Heilborn,

é a noção do amor que condensa o modo pelo qual no Ocidente as relações sociais, sobretudo aquelas que incidem sobre o parentesco, podem ser pensadas como oriundas do domínio dos sentimentos e interpretadas portanto como algo que escapa ao social (p. 65).

A apresentação, problematização e reflexão sobre o trabalho de campo do estudo, neste caso as entrevistas, se dá no capítulo 3. Heilborn escreve que um dos grandes interesses da pesquisa era analisar a mudança no comportamento de indivíduos, sobretudo dos homossexuais, em face da grande discussão sobre a Aids que ocorria na época (as entrevistas começaram em 1989). Ela conta que, em princípio, conseguira entrevistar mulheres (tanto heterossexuais como homossexuais) e gays, entretanto tivera dificuldade para encontrar homens heterossexuais que participassem. Por isso, decidiu incorporar ao trabalho um material de uma pesquisa anterior, de 1980, em que havia conseguido depoimentos “em geral interessantes” (p. 80) de homens heterossexuais. Além disso, assim conseguiria ter uma perspectiva histórica sobre o assunto estudado. No capítulo, Heilborn também apresenta o procedimento das entrevistas, que seguem o padrão de história de vida, com perguntas sobre temas pessoais; e a escolha das redes, de preferência que fossem compostas por informantes heterossexuais e homossexuais, todos com alguma proximidade com a epidemia da Aids. Os informantes tinham de 36 a 46 anos de idade, alta escolaridade (a maioria com nível superior, boa cultura, conhecimento de psicanálise e já tinham morado no exterior), residentes da Zona Sul do Rio de Janeiro, e eram considerados pertencentes à geração do “desbunde”.<sup>13</sup> Heilborn termina o capítulo com uma breve revisão de literatura sobre estudos de homosse-

xualidade tanto masculina quanto feminina no Brasil.

O título do capítulo 4, "Em nome do amor", resume a temática do que há por vir: as mudanças estruturais da família e, em especial, dos casais brasileiros, que passam a atribuir mais valor à conjugalidade resultante de "uma escolha recíproca, baseada em critérios afetivos e sexuais e na noção do amor" (citado por HEILBORN, p. 108), como escreve Velho.<sup>14</sup> Um exemplo disso são os novos termos para os casais surgidos nos anos 80, como "casal aberto", "emancipado", "moderno" e "amizade colorida". Ademais, a autora descreve o casal igualitário, bastante em voga entre a população estudada, que tem como premissa o individualismo e a rejeição às distinções estatutárias: "pode-se dizer que a configuração mediterrânea da família, que tem na ordenação hierárquica sua coluna vertebral, dissolve-se enquanto valor" (p. 111). Nessa nova modalidade de casamento, há a não-demarcação da fronteira entre os gêneros e a não-obrigatoriedade da fidelidade. Ela também escreve sobre o "casal simbiótico" (p. 122), termo usado pelas ciências sociais e pela psicanálise para a conjugalidade igualitária. Para isso, discute a obra de Sérulo Gueira *O contexto social da psicanálise*.<sup>15</sup> Entretanto, Heilborn discorda de Gueira quanto às causas da simbiose entre o casal. Se para Gueira tal fenômeno é sociológico, para Heilborn depende de causas mais psicológicas do que sociais.

No capítulo 5, Heilborn mostra como os casais em geral, sejam eles hetero ou homossexuais, de gays ou de lésbicas, seguem uma ética e *ethos* comuns. No primeiro tópico, intitulado "O que faz de um casal, casal?", ela desconstrói a suposta "lógica inexorável do amor" (p. 136), que está muito longe do que ocorre de fato, pois o mito "do-amor-que-rompe-todas-as-barreiras" (como ela mesma refere) é, de fato, um mito. Isso ocorre porque casais se formam e se mantêm juntos por várias outras razões além do amor. Heilborn também discute o arranjo cotidiano do casal, em que se prezam, sobretudo, o "bem" da "companhia" (p. 141); a identidade do casal, geralmente conflitante em relação ao social em homossexuais; e a linguagem íntima e apelidos dos parceiros. Já no segundo tópico, intitulado "Coreografias da vida a dois", a autora discorre sobre o funcionamento em si da conjugalidade, baseada, sobretudo, numa espécie de "contabilidade", como "um ajuste permanente de fluxo de trocas que se dá entre um casal" (p.

147). A autora dá um exemplo: quando um parceiro faz uma concessão ao outro, como acompanhá-lo a um jantar com um amigo chato, o outro passa a lhe dever um "sacrifício", isto é, uma concessão em troca. A contabilidade é apresentada como um mecanismo importante para a harmonização da relação. Outros assuntos abordados no capítulo são a socialização das diferenças entre os parceiros (que podem gerar tanto o "ajuste de gostos" quando a "reforma do outro"), a questão da intimidade, as "cenas" conjugais (brigas em público) e, por fim, as razões pelas quais os casais continuam juntos ou terminam um relacionamento.

"Gramática das diferenças" é o nome do sexto e último capítulo do livro, e tal título é justificado: refere-se às diferenças entre casais hetero e homossexuais, de gays e lésbicas, sobretudo na confluência entre gênero e identidade sexual. Heilborn afirma que, apesar de haver similaridades entre pares hetero e homossexuais, como as abordadas no capítulo anterior, há, sim, dissimilaridades, que se dão basicamente em quatro áreas: trabalho doméstico, o "cuidado" da relação, o nexo amizade-sexo e o que ela intitula "gramática de cópula" (p. 169). Essas áreas tendem a ser bastante influenciadas pelo gênero e pela identidade sexual dos parceiros, por isso a diferença em casais homossexuais, pois estes "desconhecem, no modelo simétrico, a distinção de gênero como fundadora do par" (p. 169). Quanto ao trabalho doméstico, enquanto na relação heterossexual ele ainda recai sobre a mulher (principalmente o cuidado com os filhos), em relações homossexuais há maior preocupação com a igualdade na distribuição de tarefas. Em geral, o "cuidado" e o "investimento" na relação segue o mesmo padrão: enquanto em casais hetero estes partem das mulheres, nos homossexuais há maior simetria. Já em relação ao nexo amizade-sexo e à gramática da cópula, há ainda mais diferença, esta pronunciada não somente entre casais hetero e homossexuais, mas também nos compostos por gays e lésbicas. Se o casal heterossexual tenta combinar uma "equidistância" na administração de sexo e amizade, nos casais gays há maior vigência da gramática da cópula (atribuída à passividade/atividade), o que em geral leva à instabilidade dos casais. Já nos casais de lésbicas, há maior companheirismo e estabilidade, fato que elas mesmas admitem. Por fim, Heilborn escreve sobre a importância da gramática de cópula, fundamental para exprimir as diferenças entre as três

combinações possíveis de casal (heterossexuais, gays e lésbicas).

Maria Luiza Heilborn é professora do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ e coordenadora do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e do Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde, ambos no IMS-UERJ, além de ter sido editora da coleção *Perspectivas Antropológicas da Mulher* (Editora Zahar) e ter feito parte do Conselho Editorial da *Revista Estudos Feministas*. O livro tem como base sua tese de doutorado defendida em 1992 pelo programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), orientada pelo antropólogo Gilberto Velho.

O livro faz parte da série *Homossexualidade e Cultura*, integrante da coleção *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, publicada pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), programa da UERJ para estudos sobre sexualidade no Brasil e na América Latina.

#### Notas

<sup>1</sup> FOUCAULT, 1990.

<sup>2</sup> Gilberto VELHO, 1975.

<sup>3</sup> Alfred SCHUTZ, 1979; e Peter BERGER e Thomas LUCKMAN, 1973.

<sup>4</sup> Peter FRY, 1982; e Peter FRY e Edward MacRAE, 1983.

<sup>5</sup> Em especial, de seus livros *Homo aequalis* (DUMONT, 1977) e *Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna* (DUMONT, 1985).

<sup>6</sup> Gayle RUBIN, 1975.

<sup>7</sup> LÉVI-STRAUSS, 1976 [1949].

<sup>8</sup> MATHIEU, 1991.

<sup>9</sup> WEBER, 1974.

<sup>10</sup> ELIAS, 1974 e 1990.

<sup>11</sup> ARIÈS, 1978 e 1983.

<sup>12</sup> FOUCAULT, 1977 e 1990.

<sup>13</sup> A geração do “desbunde” é a dos herdeiros dos *hippies* e ainda tem, portanto, como grande referência, os anos 60. No entanto, os “desbundados” diferem dos *hippies* na medida em que têm como insignias a familiaridade com a psicanálise, a valorização política do cotidiano e da sexualidade, além do sentimento de vanguarda ligado, segundo Gilberto Velho, a “uma visão política e existencialmente progressista” (VELHO, 1977, p. 92).

<sup>14</sup> VELHO, 1986.

<sup>15</sup> GUEIRA, 1981.

#### Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. “Reflexões sobre a história da homossexualidade”. In: ARIÈS, Phillipe; BÉJIN, André (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*. Lisboa: Contexto, 1983. p. 74-89.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: trabalho de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

DUMONT, Louis. *Homo aequalis: genèse et épanouissement de l'idéologie économique*. Gallimar: Paris, 1977.

\_\_\_\_\_. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. *La société de cour*. Paris: Calmann-Levy, 1974.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

\_\_\_\_\_. “A política da saúde do século XVI”. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990. p. 193-207.

FRY, Peter. “Leónie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas”. In: FRY, P. H.; EULÁLIO, A.; WALDMAN, B.; VOGT, C.; MACRAE, E.; VELHO, G.; CAMPOS, M. D.; CORRÊA, M. (Orgs.). *Caminhos cruzados*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 33-52.

FRY, Peter; MacRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

GUEIRA, Sêrvulo. *O contexto social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1976 [1949].

MATHIEU, Nicole-Claude. “Identité sexuelle/sexuée/de sexe? Trois modes de conceptualisation du rapport entre genre et sexe”. In: \_\_\_\_\_. *L'anatomie politique: categorizations et ideologies du sexe*. Paris: Côté-Femmes Éditions, 1991. p. 227-266.

RUBIN, Gayle. “The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex.” In: RAPP, Rayna (ed.). *Towards an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Books, 1975. p. 157-210.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

\_\_\_\_\_. “Vanguarda e desvio”. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Arte e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. p. 27-38.

---

----- *Subjetividade e sociedade: uma  
experiência de geração*. Rio de Janeiro:  
Jorge Zahar Editor, 1986.  
WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México:  
Fondo de Cultura Económica, 1974.

Luciana Hioka ■  
Universidade Federal de Santa Catarina